

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ROTEIRO DE ATIVIDADES

9º ANO

2º BIMESTRE

AUTORIA

EVANA CONCEICAO DE SOUZA MENEZES

Rio de Janeiro

2013

TEXTO GERADOR I

O Texto Gerador 1 é um conto de tradição indígena, transmitido oralmente ao longo dos séculos. Ele apresenta uma explicação de como foram criadas as tribos com suas especialidades e dons e, especificamente, a tribo dos guaicururus e suas aptidões.

UM CONSELHO CONTRA O CONSELHEIRO

Motivo dos índios guaicururus

A última coisa que Tupã criou, neste mundo, foi o homem.

Havia criado os rios, as plantas, os animais e as aves. Por fim, as tribos. Bondoso, antes de permitir que os homens saíssem a povoar a Terra, mandou distribuir presentes que fossem de utilidade para a vida.

A medida que ia partindo, cada tribo recebia um conselho ou um dom especial. Uma delas aprendeu a cultivar a mandioca e o algodão, para que nos tempos de carestia pudesse viver com o produto das lavouras. A outra foi ensinado fazer canoas e preparar o timbó, para que se dedicasse à pesca.

Ao chegar a vez da tribo guaicururu, já não havia o que dar. Assim, a sua gente saiu pelo mundo entregue a si mesma.

Mas não se conformou com isso. Decidiu pedir a Tupã o favor especial ao qual se julgava com direito. Toda a tribo, homens e mulheres, idosos e jovens, saiu à procura de quem pudesse levar sua queixa ao céu.

Pediram ao vento, que sopra livre e violento pelos descampados, para que, com sua poderosa voz, levasse a Tupã o pedido dos guaicururus.

Mas o vento estava apressado. Passou, encrespando as águas, revolvendo as folhas, e nem sequer ouviu a súplica dos índios.

Pediram ao relâmpago, que rasga o céu e sacode a terra. Mas ele fulgurou e desapareceu, sem lhes dar atenção.

Foram para junto da árvore mais alta da floresta, aquela que quase tocava as nuvens com a sua ramagem, e lhe pediram que nas suas conversas com as estrelas dissesse do desejo da tribo. A árvore, imóvel sob o sol do meio-dia, dormitava e não os atendeu.

Assim caminhou a tribo. Cada vez mais desgostosa. De planta em planta, de animal a animal. Poucos respondiam. Desses poucos, um dizia que suas asas não o levariam tão alto e outro se desculpava alegando que as raízes o prendiam ao chão.

Um dia passaram debaixo do ninho do caracará. O gavião, ouvindo como se queixavam, intrometeu-se:

— Vocês não têm razão!

Os índios estranharam:

— Como assim?! Somos o único povo a não receber de Tupã um favor especial. E contra isso que reclamamos.

O caracará, sempre disposto a tirar proveito dos sofrimentos dos outros, ideou plano que lhe trouxesse vantagem.

— Vocês não entenderam o desejo de Tupã. O presente dado aos guaicurús é maior e melhor do que todos os outros. Se não receberam nada especial é porque tudo quanto existe é de vocês. E de vocês a liberdade de se apoderar do que aparecer em seu caminho. Podem, portanto, caçar e tomar quanto encontrarem e desejarem.

Os índios, admirados e surpresos, pediram ao gavião que explicasse melhor qual o presente que, sem saber, haviam recebido.

O espertalhão repetiu:

— *E a liberdade de tomar para si tudo quanto encontrarem em seu caminho e lhes agradar.*

Depressa os homens se convenceram de que o caracará tinha razão. O cacique insistiu:

— *Então podemos matar tudo o que encontrarmos?*

A ave rapineira, certa de que os guaicurús fariam, daquele dia em diante, grandes caçadas das quais ela tiraria a melhor parte, assegurou:

— *Sim, tudo!*

Rápido, o cacique armou o arco de guerra e visou o caracará.

Percebendo o perigo, o gavião mau conselheiro tentou fugir. Mas ainda não havia aberto de todo as asas, e a flecha partira do arco...

E era uma vez um caracará!

A tribo dos guaicurús tomou para seu símbolo a figura do caracará que os ensinou a caçar, e desde esse dia seguiu de perto os seus conselhos.

DONATO, Hernâne. Contos dos meninos índios. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2006.

VOCABULÁRIO

Motivo: causa ou origem de.

Carestia: carência, escassez.

Timbó: algumas plantas leguminosas ou sapindáceas cujas raízes e/ou cascas podem ser utilizadas para fabricar o tinguí, toxina que faz os peixes boiarem, muito usado na pesca.

Caracará: ave falconídea, que se alimenta de insetos (sobretudo carrapatos).

Ideou: pôr na ideia, conceber. Planear, projetar.

ATIVIDADES DE LEITURA

QUESTÃO 1

Nosso texto gerador I é um conto indígena, nascido da tradição oral, mas como toda narrativa apresenta os elementos inerentes à mesma. Analisemos o quadro abaixo que apresenta os tipos de narradores.

PONTO DE VISTA	PAPEL	TIPOS
Narrador personagem ou narrador em 1ª pessoa	Atua como testemunha dos fatos narrados.	<p>Protagonista: personagem mais importante da história.</p> <p>Antagonista: rival do protagonista.</p> <p>Personagem secundário: aquele que auxilia no desenvolvimento das ações do protagonista e do antagonista.</p>
Narrador observador ou narrador em 3ª pessoa	Posiciona-se fora dos fatos narrados.	<p>Narrador intruso: fala com o leitor e julga o comportamento das personagens.</p> <p>Narrador neutro: busca a imparcialidade na apresentação dos fatos.</p> <p>Narrador onisciente: revela o sentimento dos personagens.</p>

Identifique o tipo de narrador presente no texto “*um conselho contra o conselheiro*”, apresentando elementos do texto que justifiquem sua resposta.

Habilidade trabalhada

Identificar foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito.

Resposta comentada

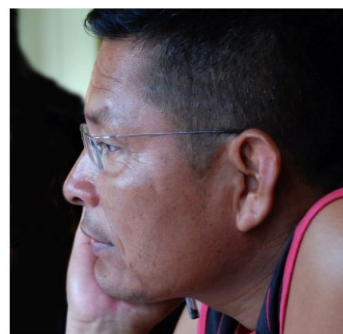
Primeiro, ao analisarmos os verbos presentes na fala do narrador, verificamos que todos estão em 3ª pessoa (criou, decidiu, pediram, caminhou, etc.), a seguir observamos que o narrador posiciona-se fora dos fatos sem interferir na narrativa nem revela os sentimentos, narra imparcialmente, sem pretender influenciar o leitor. Portanto, é possível afirmar que o narrador é observador neutro.

TEXTO COMPLEMENTAR

DIA DO ÍNDIO

Se você nasceu antes de 1980 deve se lembrar que nas escolas comemoravam-se datas chamadas de cívicas, entre elas o dia 19 de abril, o Dia do Índio.

Na prática era um dia comemorativo nas escolas, onde fazíamos atividades ligadas à natureza, meio ambiente e coisas do tipo, tudo para mostrar às crianças da época as origens dos índios, seus hábitos, o local onde viviam, o funcionamento de uma tribo, etc.



Eu me lembro bem que era um dia gostoso e diferente na escola, sempre tinha um festival com música e teatro, essas coisas marcam a gente e nunca mais esqueci da data, muito embora pouco se ouve falar da data.

Nos noticiários matutinos alguns nem mesmo comentam a data, passa despercebido, um erro histórico, o Brasil não tem a tradição de manter viva a sua história, suas origens, é uma pena. Nem no site de busca Google o Dia do Índio foi lembrado no totem,

De toda forma, fica aqui a lembrança da data, hoje é o Dia do Índio, ainda me lembro que nos anos 80 algumas vozes surgiam como o início dos movimentos ambientalistas e uma delas era a Baby Consuelo, ou Baby do Brasil, enfim, ela cantava uma música sobre o Índio,

a letra tem o condão de nos fazer refletir, mas atualmente na onda dos politicamente corretos, pensa-se mais na exposição que se terá do que nos ideais defendidos propriamente dito.

Postado por Unknown às 09:32

<http://www.cronicasclara.com.br/2011/04/dia-do-indio.html>

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 2

No estudo da crônica foi possível observar, muitas vezes, que a mesma pode distanciar-se da ficcionalidade, já que pode apresentar-se como um comentário do autor sobre um fato do cotidiano ou como uma reflexão sobre um tema qualquer. Por outro lado, o conto é uma narrativa basicamente ficcional.

ESTRUTURA BÁSICA DA CRÔNICA	ESTRUTURA BÁSICA DO CONTO
Título – indiciador da posição do autor. Introdução – identificação do fato ou circunstância que motivou a crônica. Desenvolvimento – reflexão do autor sobre o fato, circunstância ou pessoa que motivou a crônica. Conclusão – arremate da crônica, com uma ideia global, que sistematiza e traz à evidência o resultado da reflexão do autor.	Título – indicador de uma síntese da história narrada. Apresentação – identificação das personagens e do cenário. Complicação – problemas apresentados pelo narrador e iniciados pelas personagens. Clímax – ponto-chave da narrativa parte mais tensa da história. Desfecho – solução da complicação.

Elabore um quadro comparando o texto gerador 1 e o texto complementar.

ESTRUTURA BÁSICA DA CRÔNICA		ESTRUTURA BÁSICA DO CONTO	
Título		Título	
Introdução		Apresentação	
Desenvolvimento		Complicação	
Conclusão		Clímax	
		Desfecho	

Habilidade trabalhada

Identificar e comparar os gêneros em questão.

Resposta comentada

Após a leitura dos dois textos o é possível concluir que a estrutura de ambos os textos se apresente da seguinte forma:

ESTRUTURA BÁSICA DA CRÔNICA		ESTRUTURA BÁSICA DO CONTO	
Título	Dia de índio	Título	Conselho contra o conselheiro
Introdução	Fala das datas comemorativas antes lembradas nas escolas até a década de 1980, entre elas o dia do índio.	Apresentação	Criação do homem, das tribos e a distribuição dos dons entre elas por Tupã.
Desenvolvimento	Como era a comemoração dessa data e as impressões da autora e agora é uma data esquecida por todos inclusive pela mídia.	Complicação	Uma tribo fica sem dom, pois já todos já haviam sido distribuídos. Ela sai em busca desses dons.
Conclusão	A data serviu aos propósitos do início do movimento ambientalista de 1980 e o seu esquecimento delegado a posição dos politicamente corretos da atualidade.	Clímax	A busca incessante tribo desperta o interesse do caracará que tenta manipulá-la.
		Desfecho	O plano do caracará acaba como um tiro que sai pela culatra, despertando na tribo a compreensão de que eles poderiam ter todos os dons e por isso tudo lhe seria possível, inclusive matar o próprio caracará.

ATIVIDADES DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 3

Uma narrativa pode apresentar:

- **Discurso Direto:** Neste tipo de discurso as personagens ganham voz. É o que ocorre normalmente em diálogos.
- **Discurso Indireto:** O narrador conta a história e reproduz fala, e reações das personagens. É escrito normalmente em terceira pessoa. Nesse caso, o narrador se utiliza de palavras suas para reproduzir aquilo que foi dito pela personagem.

Agora, observe este trecho do texto “*Um dia passaram debaixo do ninho do caracará. O gavião, ouvindo como se queixavam, intrometeu-se: — Vocês não têm razão!*”. A partir deste exemplo e analisando todo o texto, o que podemos concluir sobre o tipo de discurso presente na narrativa. Justifique sua resposta com elementos do texto.

Habilidade trabalhada

Identificar o uso dos discursos direto e indireto.

Resposta comentada

Em primeiro lugar, a fala dos personagens é reproduzida textualmente, marcada pelo uso do travessão e introduzida pelos chamados verbos seguidos dos dois pontos (intrometeu-se, repetiu, assegurou etc.). Concluindo, podemos afirmar que o discurso presente na narrativa é o DIRETO.

TEXTO GERADOR II

O texto gerador II é um conto do biólogo e escritor moçambicano, Mia Couto, um dos ícones das literaturas africanas contemporâneas. Este belíssimo conto fala de um menino que sonha e vive a vida que gostaria de ter por meio de seus versos; de família pobre, com pais ignorantes, voltados para seus próprios conflitos que consideram seu dom uma doença.

O MENINO QUE ESCREVA VERSOS

(Mia Couto)

De que vale ter voz

se só quando não falo é que me entendem?

De que vale acordar

se o que vivo é menos do que o que sonhei?

(VERSOS DO MENINO QUE FAZIA VERSOS)

— Ele escreve versos!

Apontou o filho, como se entregasse criminoso na esquadra. O médico levantou os olhos, por cima das lentes, com o esforço de alpinista em topo de montanha.

— Há antecedentes na família?

— Desculpe doutor?

O médico destrocou-se em tintins. Dona Serafina respondeu que não. O pai da criança, mecânico de nascença e preguiçoso por destino, nunca espreitara uma página. Lia motores, interpretava chaparias. Tratava bem, nunca lhe batera, mas a doçura mais requintada que conseguira tinha sido em noite de núpcias:

— Serafina, você hoje cheira a óleo Castrol.

Ela hoje até se comove com a comparação: perfume de igual qualidade qual outra mulher ousa sequer sonhar? Pobres que fossem esses dias, para ela, tinham sido lua-de-mel. Para ele, não fora senão período de rodagem. O filho fora confeccionado nesses namoros de unha suja, restos de combustível manchando o lençol. E oleosas confissões de amor. Tudo corria sem mais, a oficina mal dava para o pão e para a escola do miúdo. Mas eis que começaram a aparecer, pelos recantos da casa, papéis rabiscados com versos. O filho confessou, sem pestanejo, a autoria do feito.

— São meus versos, sim.

O pai logo sentenciara: havia que tirar o miúdo da escola. Aquilo era coisa de estudos a mais, perigosos contágios, más companhias. Pois o rapaz, em vez de se lançar no esfrega-refrega com as meninas, se acabrunhava nas penumbras e, pior ainda, escrevia versos. O que se passava: mariquice intelectual? Ou carburador entupido, avarias dessas que a vida do homem se queda em ponto morto?

Dona Serafina defendeu o filho e os estudos. O pai, conformado, exigiu: então, ele que fosse examinado.

— O médico que faça revisão geral, parte mecânica, parte eléctrica.

Queria tudo. Que se afinasse o sangue, calibrasse os pulmões e, sobretudo, lhe espreitassem o nível do óleo na figadeira. Houvesse que pagar por sobressalentes, não importava. O que urgia era pôr cobro àquela vergonha familiar.

Olhos baixos, o médico escutou tudo, sem deixar de escrevinhar num papel. Aviava já a receita para poupança de tempo. Com enfado, o clínico se dirigiu ao menino:

— Dói-te alguma coisa?

—Dói-me a vida, doutor.

O doutor suspendeu a escrita. A resposta, sem dúvida, o surpreendera. Já Dona Serafina aproveitava o momento: Está a ver, doutor? Está ver? O médico voltou a erguer os olhos e a enfrentar o miúdo:

— E o que fazes quando te assaltam essas dores?

— O que melhor sei fazer, excelência.

— E o que é?

— É sonhar.

Serafina voltou à carga e desferiu uma chapada na nuca do filho. Não lembrava o que o pai lhe dissera sobre os sonhos? Que fosse sonhar longe! Mas o filho reagiu: longe, porquê? Perto, o sonho aleijaria alguém? O pai teria, sim, receio de sonho. E riu-se, acarinhando o braço da mãe.

O médico estranhou o miúdo. Custava a crer, visto a idade. Mas o moço, voz tímida, foi-se anunciando. Que ele, modéstia apartada, inventara sonhos desses que já nem há, só no antigamente, coisa de bradar à terra. Exemplificaria, para melhor crença. Mas nem chegou a começar. O doutor o interrompeu:

— Não tenho tempo, moço, isto aqui não é nenhuma clínica psiquiátrica. A mãe, em desespero, pediu clemência. O doutor que desse ao menos uma vista de olhos pelo caderninho dos versos. A ver se ali catava o motivo de tão grave distúrbio. Contrafeito, o médico aceitou e guardou o manuscrito na gaveta. A mãe que viesse na próxima semana. E trouxesse o paciente.

Na semana seguinte, foram os últimos a ser atendi dos. O médico, sisudo, taciturneou: o miúdo não teria, por acaso, mais versos? O menino não entendeu.

— Não continuas a escrever?

— Isto que faço não é escrever, doutor. Estou, sim, a viver. Tenho este pedaço de vida — disse, apontando um novo caderninho — quase a meio.

O médico chamou a mãe, à parte. Que aquilo era mais grave do que se poderia pensar. O menino carecia de internamento urgente.

— Não temos dinheiro — fungou a mãe entre soluços.

— Não importa — respondeu o doutor.

Que ele mesmo assumiria as despesas. E que seria ali mesmo, na sua clínica, que o menino seria sujeito a devido tratamento. E assim se procedeu.

Hoje quem visita o consultório raramente encontra o médico. Manhãs e tardes ele se senta num recanto do quarto onde está internado o menino. Quem passa pode escutar a voz pausada do filho do mecânico que vai lendo, verso a verso, o seu próprio coração. E o médico, abreviando silêncios:

— Não pare, meu filho. Continue lendo...

Mia couto. O Fio das Missangas (1ª ed. da Caminho em 2003; 4ª ed. em 2004)

VOCABULÁRIO

Esquadra: posto policial

Destrocar-se em tintins: explicar por pormenores. A palavra tintim tem valor onomatopeico.

ATIVIDADES DE LEITURA

QUESTÃO 4

No quadro abaixo temos um resumo do elemento ENREDO. Leia-o atentamente.

ENREDO Conjunto de fatos que compõem a história (intriga, trama). Os fatos, organizados numa relação causa-efeito, criam uma ilusão de verdade	Estrutura clássica:	1. Apresentação ou exposição: descrição dos personagens, do tempo e/ou do espaço.
		2. Complicação: parte em que se desenvolve o conflito.
		3. Clímax: momento de maior tensão da narrativa.
		4. Desfecho ou conclusão: a solução dos conflitos.
Obs.: Algumas narrativas apresentam um <i>enredo psicológico</i> : os fatos nem sempre são evidentes, ou seja, não equivalem a ações concretas, mas a movimentos interiores.		

Responda:

- a) Quem são os personagens e quais são as suas principais características?
- b) Qual é o conflito apresentado pela narrativa?
- c) Qual o desfecho do conto?
- d) Se pudesse, você mudaria o desfecho desta história? Como seria o seu desfecho?

Habilidade trabalhada

Identificar os elementos do enredo: apresentação, complicação, clímax e desfecho.

Resposta comentada

O conto apresenta três personagens principais (o menino, a mãe e médico) e um personagem secundário (o pai). O menino, sonhador, mas maduro, sensível e sábio. A mãe, indouta, ignorante, mas preocupada com seu filho. O médico é um homem impaciente, mas sensível. O pai, um mecânico, que só entendia, “compreendia” os motores dos carros nunca soubera ser romântico com sua esposa, ignorante e preconceituoso (“*O pai logo sentenciara: havia que tirar o miúdo da escola. Aquilo era coisa de estudos a mais, perigosos contágios, más companhias. Pois o rapaz, em vez de se lançar no esfrega-refrega com as meninas, se acabrunhava nas penumbras e, pior ainda, escrevia versos. O que se passava: mariquice intelectual? Ou carburador entupido, avarias dessas que a vida do homem se queda em ponto morto?*”).

Dá-se o conflito quando a mãe descobre que o menino escreve versos e ele assume a autoria dos mesmos diante de seus pais, que imediatamente resolvem que ele está doente e, por isso, necessita de médico.

Ao ler os versos do menino, o médico sente-se sensibilizado pelos versos do menino. E acaba mantendo-o na clínica, cujo pagamento das despesas ele assume, e passa a visita-lo duas vezes ao dia para ouvir-lhe os versos.

A resposta da pergunta C será segundo a percepção de cada aluno.

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

QUESTÃO 5

O fragmento de texto abaixo é a introdução (apresentação) de um conto africano de tradição oral e de autor desconhecido. Junto com um colega, complete o conto com os demais elementos do enredo: COMPLICAÇÃO, CLÍMAX E DESFECHO (quadro questão 3 – Leitura).

“Certo dia, um rapaz viu uma rapariga muito bonita e apaixonou-se por ela. Como se queria casar com ela, no outro dia, foi ter com os pais da rapariga para tratar do assunto.

___ Essa nossa filha não fala. Caso consigas fazê-la falar, podes casar com ela, responderam os pais da rapariga.

O rapaz aproximou-se da menina e começou a fazer-lhe várias perguntas, a contar coisas engraçadas, bem como a insultá-la, mas a miúda não chegou a rir e não pronunciou uma só palavra. “

Habilidade trabalhada

Planejar e produzir um texto narrativo com base nos gêneros estudados.

Resposta comentada

O aluno poderá, com a ajuda de um colega, dar continuidade à narrativa criando outras ações e desfechos possíveis, compreendendo a importância do enredo e seus elementos para a construção da narrativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<http://www.vila.com.br/blogs/analisesliterarias/?p=45>

<http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Mia_Couto

<http://www.cronicasclara.com.br/2011/04/dia-do-indio.html>

Mia Couto. **O Fio das Missangas** (1ª ed. da Caminho em 2003; 4ª ed. em 2004)

DONATO, Hernâne. **Contos dos meninos índios**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2006.

<http://www.vila.com.br/blogs/analisesliterarias/?p=45>

PADILHA, Laura Cavalcante. **Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX**. Niterói: EDUFF, 1995.

Orientações Pedagógicas do 2º bimestre – 2º ciclo